

## Ateísmo cristão.

Arthur Virmond de Lacerda Neto.

29.7.2018.

Há dois graus de ateísmo: ateísmo parcial e ateísmo total.

O ateísmo total (normalmente referido por ateísmo, sem qualificações) caracteriza-se pela descrença em todos os deuses, pela negação da realidade de todos: feitiços, politeicos, monoteico. Para o ateu total (ou simplesmente ateu) não há deus nenhum.

O ateísmo parcial caracteriza-se pela descrença em muitos deuses, exceto, no caso dos cristãos, em um, o seu próprio (Jeová). O cristão admite a existência do deus da sua religião e nenhum outro, ou seja, rejeita a todos, exceto a um: é monoteico.

Se o cristão rejeita a todos, exceto a um, ele é crente em relação a um e ateu relativamente aos mais: ele é ateu parcial, ateu que nega a todos os deuses, tirante um. Afirmá-lo é dado da teologia cristã, é fato da respectiva doutrina, e decisivo: o que distingue o cristão do politeico (pagão) é a aceitação de Jeová e o repúdio dos mais deuses. O que distingue o ateu total do cristão é a recusa, por parte do primeiro, de todos os deuses, enquanto o segundo recusa a todos, menos a um. O ateu (sem qualificações) é-o por inteiro; o monoteico é-o com exceção de uma divindade.

Neste sentido, entre o politeico (que admite plúrimos deuses) e o cristão (monoteico) a diferença é quantitativa, na quantidade de um: o cristão aceita um só deus. Entre o cristão (ateu parcial) e o ateu (total), a diferença é, também, de um: o cristão aceita uma única deidade e não, também, todas as demais, ao passo que o ateu (total) repudia todas as que o cristão nega e também a que ele admite.

Tanto o politeico quanto o monoteico cristão admitem a existência do sobrenatural: a sua ideosfera é teológica; já o ateu (total) nega o sobrenatural: a sua ideosfera não é teológica e é, amiúde, humanista.

De certo modo, há mais discrepância entre o teológico e o humanista do que entre as várias vertentes da teologia, que coincidem na admissão (no meio cristão, judaico e muçulmano) do mesmo deus (malgrado as dissonâncias acentuadas destas três religiões, entre si).

Ateus totais e ateus parciais, ou seja, ateus (sem adjetivos) e cristãos diferem ao ponto de ocuparem meios mentais à parte, um do outro: enquanto os segundos aceitam o sobrenatural, a intervenção da sua deidade nos assuntos terrestres, a revelação bíblica, praticam atos de culto à sua divindade, sentem-se por ela protegidos ou ameaçados por sanções ou por elas atingidos, expectam vida póstuma, os ateus recusam o sobrenatural, procuram explicações naturais para tudo, centram os seus valores e decisões em critérios humanos, são livres em vez de obedientes, reconhecem no ser humano o único agente voluntarioso; mantêm espírito crítico e independente mais do que os teológicos (se é que estes o têm). Neste sentido (em que referi exemplos) cristãos e ateus constituem tipos mentais (“categorias”) características e caracteristicamente diversas. Ainda que o cristão recuse todos os deuses, exceto um, e o ateu recuse todos, sem exceção sequer de um, a diferença da unidade é decisiva, porque cria modos mentais e comportamentais diversos (com variações de grau).

É verdadeiro que o cristão, na medida em que rejeita as divindades em geral, exceto a sua, é, quantitativamente, mais ateu do que crente: crê em uma deidade; rejeita dezenas, centenas, milhares de quantas houver.

O caráter de ateísmo parcial dos cristãos, dos muçulmanos, dos judeus é real e factual; é crucial nas respectivas dogmáticas, que se fundamentam na exclusão explícita das divindades rivais e na afirmação peremptória da unicidade divina. É óbvio que ao centrarem dogmas, culto e obediência em um só deus, o único cuja realidade admitem, automática (ainda que implicitamente) são ateus em relação a todos os outros.

Assim, o asserto dos Positivistas, repetido como truísmo nos meios ateus, de que os cristãos são ateus em relação a todos os deuses, tirante um, e que os ateus são-no em relação a todos, inclusivamente ao dos cristãos e que, destarte, a diferença entre cristãos e ateus é de um deus, é correto.

Ele é, porventura, alegado como forma de impressionar os teológicos, de sensibilizar e até de chocar os cristãos e quantos estigmatizam a condição de ateu: muitos religiosos increpam aos ateus a sua condição atéia, em jeito de acusação e de censura; reciprocamente, os ateus demonstram aos seus acusadores serem eles próprios, cristãos-acusadores, também ateus, com a diferença da quantidade (unidade). A invocação do ateísmo dos cristãos pode ser valiosa para despertar-lhes reflexões acerca da validade, dos limites e da justificabilidade da sua fé; virtualmente, ela serve de argumento do ateu perante e contra a crença monoteica, equipolentemente ao argumento do cristão perante e contra a crença politeica (vide, por exemplo, *A cidade de Deus*, de Agostinho). Não se cuida de artifício retórico, porém de argumento usável no antagonismo entre imanência e transcendência.

Ao despontarem na antigüidade, os cristãos assinalaram-se como os grandes ateus do meio romano, precisamente porque, em meio à tolerância própria e benfazeja do politeísmo, eles repudiaram as divindades greco-romanas (e, por extensão, nutriram ódio por tudo quanto havia na civilização romana: religião, costumes, leis, literatura, filosofia, sabedoria, arte, exceto pelo próprio cristianismo).

Ateus (totais) e cristãos (ateus parciais) diferem na medida em que entre a aceitação do sobrenatural e a sua recusa, há convicções, prescrições, proibições, verdades admitidas como tal, da parte dos segundos, inexistentes nos primeiros ou, se neles existentes, existem com fundamentos laicos (por exemplo: cristãos e ateus condenam o assassinio, uns por obediência aos mandamentos mosaicos; os outros, por respeito para com o seu semelhante).

Na medida em que, todavia, a secularização das sociedades se desenvolve, a teologia cristã modifica-se, ainda que lentigradamente, como lhe é típico. Com lerdeza e apesar dela, a pouco e pouco, altera-se; ela não transcende a moralidade das épocas. Ao invés: acompanha-a e com ela se transforma, motivo por que a teologia (cristã) vem se laicizando. É expectável, como sensatamente previu Augusto Comte, que o teísmo cristão seja substituído pelo deísmo; na verdade, já é assim, há séculos, da parte de abundantes católicos, inclusivamente no Brasil.

A pouco e pouco, as igrejas cristãs emancipar-se-ão (para empregar o verbo adrede aplicado, por Augusto Comte) da sua própria teologia; mais exatamente, da sua transcendência; como que se tornarão atéias ou tornar-se-ão propriamente atéias, como, aliás, é o caso de uma ex-pastora (holandesa, se não erro, ou alemã), atualmente *sacerdotisa espontânea da Humanidade* (para novamente valer-me da expressão de Augusto Comte), que descreu e descrê na divindade única do cristianismo e predica o humanismo na sua igreja.

Por sua vez, o Positivismo de Augusto Comte compreende uma religião. Judicioso no emprego dos vocábulos, Comte usou o termo religião no seu sentido original, de conjunto de conhecimentos intelectuais, de práticas afetivas e de comportamentos, que orientam o indivíduo e que lhe permitem o engrazamento com outrem.

Religião não é sinônimo de teologia. Uma forma da religião é a teológica (que admite a existência de divindade com forma de pessoa e dotada de vontade); a religião teológica, por sua vez, é politeica (em que se admitem plúrimos deuses, como Júpiter, Baco, Pan, Mercúrio) ou monoteica (em que somente uma deidade se admite: Jeová, no caso do cristianismo, do judaísmo e do islamismo).

Outra forma de religião é atéia (no sentido de recusar divindades transcendentais) e humanista (no sentido antropocêntrico, de valorizar o humano): é o caso da religião positivista, nomeada de religião da Humanidade, em que se procura conhecer o meio físico e humano em que existimos; suscitar o sentimento de altruísmo; dirigir a atividade para fins socialmente úteis. Em lugar dos deuses (politeicos) e do deus (monoteico), ela consagra a Humanidade, conjunto contínuo das pessoas que, ao longo dos tempos, por alguma forma (singela ou exponencial) concorreram para com o incremento do bem-estar alheio. A Humanidade corresponde a construto mental, a idéia, e a fato, a dado empírico: as pessoas existem, a coletividade é real, todos existem em sociedade, em que cada um presta, ao seu modo e no seu tempo, concurso em prol dos demais. À luz da idéia de cooperação de seres reais, sincrônica e diacronicamente (no mesmo tempo e na sucessão das gerações) e dos benefícios dela advindos, o Positivismo constituiu a figura da Humanidade, alvo do conhecimento dos seus adeptos, da sua bondade e da sua atividade.

Enquanto o monoteico adora e louva a um suposto criador imaginado sempre e de existência jamais averiguada, o Positivista louva o que de melhor se encontra na história e também no presente, na pessoa dos nossos antecessores e dos nossos coevos. Ele não se pauta por obediência a livros revelados, porém por critérios humanos. Ele não "segue a palavra e agrada a deus"; ao invés, rege-se pelo cumprimento dos seus deveres para com o próximo e organiza os seus valores em função das virtudes e vantagens das pessoas. A sua perspectiva é imanente e não transcendente; é natural e não sobrenatural; é humanista e não teológica.

O Positivista é ateu total (nega todas as deidades) embora Augusto Comte adjetivasse a Humanidade de deusa, por metáfora em relação aos deuses teológicos, sentido em que o Positivismo é *metaforicamente* monoteico.